

Entendendo a Auto-organização das Dinâmicas da Saúde: Destaque da Ecologia da Saúde

[Vladimir Dimitrov](mailto:v.dimitrov@uws.edu.au)

Universidade de Western Sydney

v.dimitrov@uws.edu.au

Tradução e adaptação: **Júlio Torres**¹

1 Introdução

A pesquisa sobre a complexidade auto-organizadora das dinâmicas humanas ilumina um novo cenário para estudos ecológicos: o cenário da Ecologia da Saúde.

O termo “ecologia” tem sua raiz na palavra grega *oikos* que significa “casa”. Da mesma forma que a casa proporciona um abrigo para as pessoas viverem, o Universo proporciona um ‘abrigo’ para o infinito desdobramento das formas inanimadas e animadas para existirem e evoluírem juntas. A casa – *oikos* – é um lugar onde seus habitantes relacionam-se uns com os outros e interagem dinamicamente. É possível que esses interrelacionamentos e interações sejam saudáveis tanto para os humanos quanto para o restante da natureza no *oikos* que nós compartilhamos? Esse é um questionamento feito pela Ecologia da Saúde – uma questão vital. Se não pudermos responder a esse questionamento, a chance para nossa sobrevivência como espécie humana neste Planeta diminui. Crises ambientais, desastres e cataclismos que emergem como resultado dos nossos relacionamentos doentios com a natureza continuarão a contribuir para espalhar doenças incuráveis entre nós e as outras formas de vida. Guerras, conflitos e opressão que emergem como resultado dos nossos relacionamentos doentios de uns com os outros continuarão a acelerar os processos de destruição da vida.

No foco da Ecologia da Saúde está a única teia da vida – as interações que dão suporte à saúde em todos os âmbitos da sua emergência auto-organizadora – intrapessoal e interpessoal; entre os indivíduos e o ambiente, assim como entre os indivíduos e a sociedade; entre a sociedade e a natureza, assim como entre a sociedade e todo o Universo que evolui.

2 Modelo Médico versus o Modelo da Ecologia da Saúde

As práticas médicas existentes estão primeiramente preocupadas em como lutar contra doenças; as doenças são consideradas como ‘inimigas’ para as pessoas. As pessoas devem ser prevenidas de serem invadidas por esses inimigos; uma vez invadidas, as pessoas tornam-se ‘pacientes’, dos quais as doenças devem ser removidas para que eles possam ser curados. ‘Curado’ é o termo chave no modelo médico usado nos nossos dias; não existe muita referência a saúde nesse modelo.

O modelo médico absorve a maioria do dinheiro destinado a saúde. O prestígio desse modelo quase não é desafiado, especialmente em nações desenvolvidas. Pensadores contemporâneos da saúde estão cada vez mais conscientes de que esse modelo é limitado, inadequado e, frequentemente, perigoso. A maior parte das intervenções médicas torna-se cada vez mais complexa e custosa, e produzem efeitos colaterais indesejados que geram litígio, que aumenta os custos do tratamento e reduz sua disponibilidade, num círculo vicioso.

Muitas pessoas, hoje, procuram abordagens alternativas baseadas em métodos holísticos de cura da sabedoria dos antigos. ‘Heal’ (Cura) vem da mesma raiz que ‘whole’ (todo) e ‘holistic’ (holístico): restaurando a totalidade, restaurando a saúde, que não tem nada a ver com lutar contra ou remover uma doença.

No modelo médico, os praticantes curam os pacientes de doenças. No modelo de cura, um conjunto de agentes pode curar o paciente, que sempre é uma parte dinâmica do processo. Essa parte crucial do processo pode ser entendida como autocura.

¹ José JÚLIO Martins TORRES – Site: www.teoriadacomplexidade.com.br – E-mail: jimtorres@gmail.com

O modelo de Ecologia da Saúde está centrado numa das principais raízes conceituais do Paradigma da Complexidade – auto-organização. Quando projetada na saúde, a auto-organização refere-se a autocura, isto é, a autossustentação ou autorrestauração – habilidade da natureza, que foi passada para todas as criaturas vivas.

Nós podemos tanto fortalecer quanto perceber nosso potencial natural de autocura, ou enfraquecê-lo e destruí-lo, dependendo da nossa cultura. A morte no modelo da Ecologia da Saúde é uma manifestação inevitável da transitoriedade dos corpos físicos das formas vivas. A ocorrência do momento da morte nos humanos é frementemente acelerada por vários traumas, incluindo doenças que emergem como resultado de viver conscientemente ou inconscientemente sob condições que são destrutivas à saúde e impedem as formas de se perceber nosso potencial de autocura.

Essas condições estão profundamente enraizadas na cultura da nossa sociedade, que envolve também as atitudes predominantes e disposições das pessoas. Infelizmente, muitos dos padrões culturais dominantes no mundo, hoje, valorizam a competição e a acumulação de lucro e poder. Tais comportamentos ‘culturais’ aumentam a chance de severos desastres ecológicos na natureza, intensificam o estresse em âmbitos individuais e sociais, induzem sentimentos de hostilidade e de falta de valorização da vida, e, então, eles atuam contra nossa saúde.

O início do novo milênio (com horríveis atos de terrorismo e de guerra em resposta àqueles atos) está marcado pela cultura contemporânea que se opõe intensamente à harmonia na natureza e, assim, coloca em perigo tanto a saúde humana quanto a ambiental, pois elas são dois lados da mesma moeda.

3 Saúde Humana e Ambiental: A Abordagem da Ecologia da Saúde

A pesquisa na complexidade das dinâmicas humanas oferece um repertório de modelos que podem ser usados para estudar diferentes aspectos do turbulento espaço da existência humana no qual saúde e ‘doença’ interagem uma com a outra e com outros aspectos da experiência humana e com o mundo natural.

A vontade de restaurar e manter as condições de plenitude e de integridade, de completude e de harmonia no Espaço Ecológico Integrado (Integrated Ecological Space – IES) – o espaço do espaço dos relacionamentos interconectados de forma complexa entre seres vivos e seu ambiente – pode ser visto como uma propriedade emergente essencial de toda a teia dinâmica, uma propriedade que é a essência do conceito complexo de Ecologia da Saúde.

No Paradigma da Complexidade, o potencial para autocura é visto como uma vontade inerente de auto-organização de cada entidade viva na direção da integridade e da harmonia, tanto num âmbito interno (relacionado ao funcionamento dos constituintes dessa entidade) como em âmbitos externos (relacionados ao funcionamento de toda a teia dinâmica no IES).

No modelo da Ecologia da Saúde, a doença não é um evento patológico isolado, autocontido, com um conjunto de causas que atuam de forma linear. Uma predisposição para a doença ocorre quando a integridade se quebra, ou no âmbito de uma entidade ou no âmbito de toda a teia de relacionamentos no IES. A integridade quebrada pode criar obstáculos que impedem a habilidade de autocura da entidade viva. Nos seres humanos, esses obstáculos podem estar enraizados em diferentes aspectos da sua cultura: fisiológico, ecológico, social e psicológico (mental, baseado em emoções, ou/e espiritual).

3.1 Sustentando o Potencial de Autocura

Solé e Goodwin, biólogos do Instituto Santa Fé, para estudo de Complexidade, usam o conceito de ‘atrator dinâmico’ para entenderem o surpreendente e paradoxal fenômeno da autocura: “saúde é a condição natural ou típica de um organismo; é o atrator dinâmico para o qual o organismo que se autocura tende a retornar espontaneamente” (Solé e Goodwin, 2000).

A integridade de toda a teia de interrelacionamentos é responsável por sustentar o atrator dinâmico da saúde. Ao mesmo tempo, as dinâmicas de autocura apoiadas por esse atrator têm um papel crucial na sustentação da integridade de toda a teia dinâmica de interrelacionamentos no IES.

Por causa dessa interdependência vital, qualquer coisa no IES que destrói a teia de relacionamentos, qualquer coisa que divide, separa ou exclui, aparece como um obstáculo para a realização do potencial de autocura das entidades vivas.

Exemplo

Em termos de modelo médico, pessoas que sentem uma dor de cabeça tomam um remédio objetivando tratar a dor de cabeça. Muitos desses remédios têm efeitos colaterais negativos em outros órgãos, como o estômago e coração. As dores de cabeça têm um significado complexo, pois elas podem indicar muitas condições diferentes, desde estresse até tumores cerebrais. ‘Resolver’ um problema de saúde tomando pílula é negligenciar a interdependência vital do atrator da saúde e o IES. Imaginemos que, em vez de tomar uma pílula, a pessoa siga uma abordagem da Ecologia da Saúde: ir para uma longa caminhada no parque mais próximo, fazer duas longas respirações, ou, conscientemente, relaxar por uns momentos. Essa abordagem iria estimular a realização do potencial de autocura do organismo como uma entidade viva inseparavelmente incorporada no IES, e assim isso está aberto para influenciar uma multitude de fatores que dão suporte à dinâmica do atrator da saúde. No nosso exemplo, os fatores que dão suporte à saúde são: caminhar, respirar, aproveitar o cenário, escutar os pássaros, sentir a fragrância das flores, relaxar etc. Mesmo que fosse provado que a dor de cabeça era por causa de um tumor, uma atitude positiva, mesmo assim, seria benéfica para lidar com essa séria condição. Além disso, existem muitos exemplos de remissão de câncer devido ao fortalecimento consciente da dimensão espiritual do potencial de autocura individual.

3.2 Vórtices da Saúde

A realização do potencial de autocura de cada entidade viva depende da interação de muitos fatores no IES. Alguns desses fatores emergem da teia dinâmica de relacionamentos entre as entidades, o restante deles aparece como resultado da interação entre as entidades e seu ambiente. Para capturar a plenitude da interação dinâmica dos interrelacionamentos, sob condições de alta energia, é esclarecedor modelá-la como tomando uma forma vortical característica, similar àquelas de um turbilhão ou tornado, capazes de produzir poderosas forças auto-organizadoras.

Nossa hipótese é que essas formas vorticais de interações entre a multitude de fatores no IES podem ser responsáveis tanto pela sustentação do potencial de autocura de cada entidade, como por ativá-lo numa vontade poderosa na direção da integridade e de relações dinâmicas harmoniosas com o ambiente, e, assim, na direção de uma melhor saúde. Referimo-nos a essas formas vorticais como *vórtices da saúde*. Enquanto vive no vórtice da saúde, uma entidade sente-se fortalecida para realizar seu potencial de autocura. Vivendo fora do vórtice, sua habilidade de autocura pode diminuir e desaparecer; várias doenças podem emergir ou tomar uma forma mais severa, e a morte chegar mais rápido. Concebivelmente, os seres humanos podem aprender como conscientemente energizar os vórtices da saúde e assim facilitar e apoiar as forças de autocura que emergem deles. Essas forças mantêm as dinâmicas no IES no atrator da saúde, uma metáfora para a ‘área da Saúde’ no IES. O papel principal da Ecologia da Saúde é explicar como as pessoas ‘acionarem’ os vórtices da saúde e assim sustentarem suas vidas e a vida da natureza no atrator da saúde.

3.3 Bifurcações no Espaço Ecológico Integrado

Na Teoria do Caos, a ocorrência de bifurcações marca a transição da ordem para o caos, no modelo dinâmico do crescimento populacional, na Biologia. No modelo da Ecologia da Saúde, ‘bifurcações’ podem ser usadas para descrever a transição, que ocorre dentro do IES, da saúde para a doença, nos âmbitos individual, social e/ou ambiental.

Pode-se considerar a emergência do buraco de ozônio, do efeito estufa, do desaparecimento de certos tipos de espécies, da degradação do solo, e assim por diante, como manifestações de bifurcações que ocorrem nas dinâmicas da natureza. O colapso da saúde de um viciado em droga (ou álcool, ou nicotina) revela a emergência de bifurcações na forma de mudanças qualitativas nas dinâmicas individuais que podem ser irreversíveis. Uma mudança irreversível está sinalizada por uma desordem crônica que está provavelmente acompanhada por um decréscimo no potencial de autocura do indivíduo.

Em menores escalas, quebras e restaurações no IES ocorrem continuamente. Suas interações levam ao ‘limiar do caos’, um conceito, no Paradigma da Complexidade para explicar o comportamento dinâmico no âmbito intermediário entre ordem e desordem. Quando aplicado na Ecologia da Saúde, o limiar do caos refere-se a região no IES onde as entidades vivas precisam se harmonizar para não acabarem em muita desordem, por um lado, e em muita ordem, por outro lado. Tal harmonia requer um alto grau de habilidade de auto-organização das entidades vivas, isto é, habilidade para coadaptação e coevolução (Kaufman, 1993).

Na medida em que a habilidade de auto-organização das espécies, que alcança o mais alto grau nas regiões do limiar do caos, no IES, se manifesta por meio do seu potencial de autocura, e esse potencial é maximizado quando as espécies retornam ao vórtice da saúde, podemos concluir que os vórtices da saúde existem no limiar do caos. Tanto os padrões ordenados quanto os desordenados das dinâmicas individuais são igualmente perigosos para a saúde; os padrões ordenados levam a padrões de comportamento repetitivos, a estereótipos, e ao vício, e os padrões desordenados levam à desarmonia e à quebra da conectividade do indivíduo com o ambiente. É o ‘limiar do caos’ que facilita a emergência e sustentação dos vórtices da saúde.

3.4 Ressonância Harmônica Dupla

O modelo médico é linear: X causa ou contribui para a doença D, Y a alivia ou cura. A experiência de estar ou de ficar bom ou doente frequentemente mostra um padrão mais complexo de causalidade, que requer outras formas de representar a causalidade. Uma das coisas que vem do Paradigma da Complexidade é a ideia de ressonância harmônica (Dimitrov, 2001). Se estar saudável significa estar num estado de integridade e harmonia, uma entidade viva pode estar em tal estado se ela funcionar em ressonância harmônica com sua própria rede (interna) de ‘agentes’ e com o todo mais amplo do ambiente (externo). E é dentro das áreas no limiar do caos, no IES, onde essa harmonia dupla se manifesta por meio dos vórtices da saúde.

Se os agentes (órgãos, células, sistemas) de um organismo vivo estão harmoniosamente em ressonância uns com os outros como um todo inseparável e com o seu ambiente, o organismo mais provavelmente é saudável. Quando a harmonia e a integridade são destruídas e os agentes dentro do organismo ‘falam’ separadamente uns com os outros e com o ambiente, então, um tipo de doença ou um mal estão a caminho.

Se as influências entre os agentes internos do organismo individual e aquelas entre o organismo individual e o ambiente são recíprocas, como é assumido nos modelos complexos da saúde, a ressonância precisa ser entendida em conformidade com uma forma de ressonância harmônica dupla, isto é, uma ressonância que tanto é interna quanto externa.

Esse tipo de ressonância é possível? Sim, ela é, e ela ocorre no IES, onde as espécies e seu ambiente são considerados inseparavelmente conectados. Assim, a harmonia, em função dos órgãos internos de uma entidade viva, reflete a harmonia do seu relacionamento com o ambiente, e *vice-versa*: o relacionamento harmonioso da entidade viva com seu ambiente é uma projeção externa da sua harmonia interna. No caso do ser humano, a noção de harmonia interna tem um significado muito mais rico do que simplesmente um funcionamento harmonioso dos órgãos e sistemas do corpo humano.

Quando uma entidade funciona sob condições de ressonância harmônica dupla, ela retorna ao vórtice da saúde.

3.5 A Grande Ilusão

O vórtice da saúde de um indivíduo pode ser imaginado como um padrão de energia que emerge das dinâmicas do indivíduo; ele não pode ser tomado emprestado de outros indivíduos ou implantado a partir de fora da natureza interior do indivíduo. Nenhum médico no mundo, não importa quão competente, pode fazê-lo girar; somente o indivíduo é responsável pelo funcionamento do seu vórtice da saúde. Para entender esse funcionamento e para apoiá-lo sabiamente, precisamos da ajuda da nossa consciência, da nossa experiência, e do nosso ímpeto interior para viver e conhecer.

Por meio do estudo de como se concentrar e relaxar a mente e o corpo, praticando técnicas que nos ajudam a desenvolver paz interior e harmonia, o fluxo de energia que vem do ambiente natural pode ser conscientemente direcionado para dentro e usado para ativar os vórtices da saúde. Caso contrário, nossa capacidade de autocura permanece num estado dormente e nós precisamos confiar na ajuda que vem de fora quando nos sentirmos doentes. Fazendo isso, nós substituímos o efeito complexo da realização do nosso potencial de autocura por efeitos parciais de curto prazo produzidos pelo uso de vários remédios químicos.

Quanto mais intensivamente usamos remédios (e ninguém pode deixar de usá-los, pois, o efeito de cada dose é apenas temporário), mais viciados nos tornamos e mais forte fica o efeito insensível que a substância química ‘curativa’ exerce no nosso potencial de autocura. Eventualmente, o vício leva à perda da capacidade de autocura.

Muitas pessoas no mundo morrem como vítimas de uma grande ilusão dos nossos dias de que a ajuda para nossa saúde vem de fora! A sociedade continua a amplificar essa ilusão, pois poderosas forças econômicas estão por trás disso. As corporações farmacêuticas globais fazem uma incrível quantia de dinheiro a partir dessa ilusão; um grande número de praticantes da medicina mantém essa ilusão poderosa.

No contexto da Ecologia da Saúde, existe uma explicação para o sempre crescente uso massivo de medicamentos na sociedade de hoje. Quanto mais poluído é o ambiente natural, isto é, quanto mais saturado por produtos químicos para a saúde, menos eficiente é a realização do nosso potencial de autocura, pois este último depende crucialmente do suporte de recursos essenciais naturais como ar, água, luz do sol, plantação etc.

- A eficiência da nossa capacidade de autocura diminui, e procuramos pelo uso de remédios para nos ajudar enquanto o seguinte também acontece:
- O ar está cheio de dióxido de carbono produzido pelos nossos carros e pelos complexos industriais espalhados pelo mundo.
- Lixo químico perigoso, incluindo nuclear, continua a ser liberado em quantidades monstruosas.
- O solo e a água estão irreversivelmente contaminados.
- O processo de desflorestamento e de extinção de espécies naturais continua cada vez mais rápido.
- Os buracos de ozônio fazem o sol espalhar câncer nos nossos corpos, em vez de curá-los.
- As chuvas são ácidas e as frutas e vegetais que são comidos estão cheios de produtos químicos (ou ‘geneticamente manipulados’) para parecerem comercialmente atrativos, mas em detrimento da nossa saúde.

Então, nós estamos presos num tipo de círculo vicioso perigoso para a saúde: nós continuamos a poluir a natureza com um tipo de produtos químicos e ao mesmo tempo combatemos os efeitos dessa poluição sobre nós usando outro tipo de produtos químicos. Quanto mais poluímos a natureza com o primeiro tipo (tecnológico) de produtos químicos e, assim, gradualmente, o convertemos numa fonte de novas doenças emergentes, mais usamos o segundo tipo (médico) de produtos

químicos para combater as doenças e, assim, nos tornamos, gradualmente, viciados. Em ambos os casos, o resultado é o mesmo: uma séria destruição da nossa saúde.

Existe alguma forma de sair desse círculo vicioso? A Ecologia da Saúde pode revelar tal forma: Somente cuidando do ambiente natural e o ajudando a restaurar sua própria capacidade de autocura. Isso facilitará o aumento do potencial de autocura (como somos ‘crianças’ da natureza e nossa saúde depende totalmente do seu suporte) e nos ajudará a reduzir nossa dependência de remédios.

3.6 Natureza Complexa da Autocura

Um aspecto essencial da missão multifacetada da Ecologia da Saúde é mostrar o perigo fatal da confiança na ajuda de medicamentos, enquanto negligenciamos o fator vital para nossa saúde, isto é, nosso potencial de autocura. A natureza nos dotou com esse potencial no momento em que emergimos do seu ventre, e é uma falha grave não o desenvolvermos e não o usarmos completamente. A natureza é o principal suporte do potencial de autocura. É o seu generoso e gratuito suprimento de energia – seu sol e ar, água e solo, flora e fauna, harmonia e beleza – que ajuda os vórtices da saúde humana a se moverem e a gerarem forças de cura.

A autocura é um fenômeno complexo – uma expressão da habilidade de auto-organização do indivíduo como um todo, e só existe uma forma de estimulá-la: por meios complexos. Tais são os meios da natureza! Há milhares de anos, isso foi completamente entendido pelos criadores da Ayurveda, o antigo sistema indiano de saúde (‘ayur’ significa vida e ‘veda’ significa conhecimento em sânscrito), de acordo com a qual nenhum agente único, por si só, pode trazer saúde. Ayurveda vê as pessoas como um composto das mesmas forças primárias: ar (força de expansão), água (força de adesão) e fogo (força de transformação), que também compõem a natureza. Quando essas forças atuam harmoniosamente no indivíduo, isto é, da forma como atuam na natureza, elas completam três funções: digestão (gerando energias internas), absorção (sustentando as energias internas) e eliminação (liberação das energias trabalhadas). Essas funções quando consideradas holisticamente, isto é, nas suas realizações simultaneamente física, emocional, mental e espiritual, geram saúde. A Ayurveda define saúde como condição de três totalidades inseparáveis: corpo (‘shrira’), mente (‘manas’) e alma (‘atman’) (John, 2001).

Quanto mais cedo na vida entendermos essa sabedoria dos antigos sobre o papel vital da natureza no desenvolvimento consciente e no fortalecimento da nossa capacidade de autocura (que é abundante quando o organismo é jovem e cheio de vigor), mais eficiente é a realização dessa capacidade.

Então, outro aspecto da missão da Ecologia da Saúde se relaciona com a educação da saúde das pessoas jovens; esse tipo de Educação é um fator chave na promoção da saúde.

4 O Papel Vital da Natureza

A natureza abraça a complexidade giratória das dinâmicas (forças, energias, substâncias, formas e processos) que criam, sustentam, modificam ou destroem todas as formas animadas ou inanimadas. Essas dinâmicas dão suporte ao potencial auto-organizador da natureza.

“Tudo na natureza tende à realização do seu potencial”, escreveu Aristóteles, que chamou essa propriedade da natureza de ‘entelequia’ (do grego *en telecheia* – “estar completo” ou “completude”). Exemplos de entelequia são a capacidade de uma semente de desdobrar seu potencial para germinar quando condições apropriadas surgirem, e a capacidade de um organismo de curar-se. Esses processos são inexplicáveis em termos de causalidade mecanicista, mas é evidente que eles acontecem todo o tempo na vida biológica, inclusive na existência humana.

Por meio da sua vontade de se mover e de se autorrealizar, a natureza representa uma totalidade que tudo engloba, na qual nada e nenhum ser existe em si ou para si, mas somente no relacionamento dinâmico com outras coisas e outros seres. Essa é uma premissa essencial no Paradigma da Complexidade, que se relaciona diretamente com a integridade da existência considerada como um complexo de dinâmicas, cujos poderes criativos, sustentadores ou destrutivos são continuamente

demonstrados na natureza. É por meio dessas dinâmicas que tudo que existe, emerge, se move, muda e se transforma, desde partículas elementares até galáxias gigantes, conectando-se numa teia inseparável de relacionamentos mutuamente dependentes, intrincados e coevolutivos. É, ao mesmo tempo, algo que somente pode ser entendido e pensado com um tipo apropriado de imprecisão; a Fuzziologia, o estudo da imprecisão incorporada no conhecimento humano, revela os segredos do entendimento do significado de conceitos complexos como saúde, harmonia, ritmo, auto-organização e natureza (Dimitrov, 2002a; Dimitrov e Hodge, 2002).

4.1 Ritmo e Auto-organização na Natureza

O ritmo da natureza pulsa através de nós. Quanto mais íntima está nossa conexão com o ambiente natural e quanto mais conscientes estamos sobre suas forças e energias que dão suporte à vida, mais clara é nossa percepção do seu ritmo.

Da atividade da digestão dos nossos intestinos até o acionamento de neurônios no cérebro, cada função dos órgãos e das células nos nossos corpos reflete a batida que espelha o ritmo da natureza. O estado da nossa saúde: física, emocional e mental é inteiramente dependente desse ritmo. Quando o ritmo para de se manifestar por meio da trindade vital da natureza de cada indivíduo – corpo, mente e alma –, o indivíduo morre.

A saúde do ambiente natural, com toda a sua variedade de entidades animadas e inanimadas é inteiramente dependente do ritmo. O ritmo da natureza é mapeado numa geometria fractal, descoberta por Benoit Mandelbrot (Mandelbrot, 1983) e sua criticidade auto-organizada, primeiramente descrita por Per Bak (Bak, 1993); tanto os fractais quanto a criticidade podem ser caracterizadas pelas distribuições da lei de potência. Nesse sentido, a lei de potência descreve matematicamente o ritmo de ‘como a natureza funciona’.

O ritmo do ambiente natural espelha o ritmo de Gaia, nosso Planeta vivo (Lovelock, 1995); o ritmo do Gaia espelha o ritmo da Galáxia, e o ritmo da Galáxia espelha o ritmo de todo o Universo, pois Gaia e a Galáxia e o Universo são diferentes apenas em escalas, ou âmbitos fractais, da mesma totalidade existencial dinâmica.

O ritmo é uma característica inerente das dinâmicas auto-organizadoras da natureza. A forma como a natureza se auto-organiza, se desdobra e evolui é por meio de padrões rítmicos. Os vórtices da saúde aqui apresentados refletem esses padrões rítmicos.

A capacidade de auto-organização das dinâmicas da natureza é sustentada por meio da contínua interação da imensa variedade das criaturas vivas com o seu ambiente. O que é crucial ser enfatizado no contexto da Ecologia da Saúde é que cada criatura singular que existe na natureza, seja ela animada ou inanimada, é igualmente importante para a realização das interações dinâmicas das criaturas vivas com seu ambiente, e, assim, para o suporte da vontade auto-organizadora da natureza e do seu ritmo que tudo permeia.

Toda entidade singular na natureza é dotada com direito igual a existir, a interagir e a evoluir e, assim, contribui na sua auto-organização e ritmo global. E *vice-versa*, a vontade auto-organizadora da natureza e seu ritmo manifestam-se por meio do movimento, da interação e do potencial evolutivo de cada entidade existente, sem importarem classificações de prioridade entre elas; todas elas estão igualmente abertas para essa vontade de fazê-las se moverem, interagirem e evoluírem em sincronia.

Se algumas entidades fossem favorecidas pela natureza em detrimento de outras, a integridade da natureza – sua unicidade, sua plenitude, sua interconectividade – seria imediatamente destruída e isso destruiria o seu ritmo. A natureza nunca pode atuar contra a sua integridade, pois essa integridade é condição *sine qua non* para sua existência, mas nós podemos, quando nossas mentes imergem em buscas egoístas e esquecem que nosso ambiente natural e nós somos inseparavelmente conectados por meio do ritmo do Universo. Quando o finito, na forma do nosso pensamento

egocêntrico, começa a agir em seu próprio benefício, sem refletir o infinito, ele carrega com ele sementes de destruição, de doença e de morte.

4.2 Ritmo e Saúde

Apesar de sermos capazes de refletir o ritmo da natureza, nós somos capazes também de atuar contra ele. Isso acontece quando não focamos nossa consciência no ritmo natural, como se ele não merecesse nenhuma atenção direcionada conscientemente e ‘funcionasse’ somente no automático, até ser destruído por causa de doença ou de morte. Isso também acontece quando estamos conscientes do ritmo e ainda assim não nos importamos em prover condições para dar suporte ao seu contínuo ‘trabalho’ por meio da integridade corpo-mente-alma da nossa natureza humana.

No primeiro caso, nós, normalmente, tornamo-nos conscientes do ritmo quando ele é destruído, frequentemente, de forma irreversível. Por exemplo, um repentino ataque do coração pode anunciar bem alto que o ritmo foi destruído. Normalmente, nós corremos para ‘consertá-lo’, usando medicamentos. Na medida em que o ritmo é uma característica complexa da nossa habilidade auto-organizadora natural que tem sua raiz na integridade corpo-mente-alma, ele dificilmente pode ser consertado por uma droga química feita artificialmente. Qualquer medicamento pode atuar isoladamente e direcionar seu efeito para certo órgão ou para uma função; mas o ritmo é essencialmente complexo, ele não pode ser restaurado por intervenções parciais.

No segundo caso, o corpo físico simplesmente segue o que a mente o impulsiona a fazer. Como nossas mentes estão preocupadas com pensamentos muito mais ‘importantes’ do que escutar o ritmo natural – pensamentos de como ganhar mais dinheiro, de exercitar mais poder, de alcançar objetivos e de ter uma posição social mais alta, e de como satisfazer todos os tipos de prazeres, nós normalmente somos capazes de perceber que o ritmo está errado quando já é tarde demais para restaurá-lo.

4.3 ‘Ritmo’ na Sociedade contra Saúde da Natureza

Quando olhamos para trás na história, vemos que as nações e estados seguem períodos de desenvolvimento e de quedas. Ambos os períodos de crescimento econômico e os períodos de crises são inerentes ao sistema capitalista. Esses períodos têm pouco a ver com o ritmo da natureza. Suas causas principais estão nas contradições essenciais nas quais qualquer processo de exercício de poder político ou/e econômico na sociedade humana têm origem. “As crises nunca são mais do que momentâneas, soluções violentas para contradições existentes, erupções violentas que restabelecem a harmonia perturbada por um tempo.” (Marx, 1981).

A Teoria do Caos ou a análise estocástica podem ajudar os especialistas a construir atratores caóticos ou ciclos econômicos de curto ou longo prazo, que podem matematicamente mapear as dinâmicas caóticas ou estocásticas de um conjunto selecionado de indicadores econômicos e sociais, mas o seu ‘ritmo’ é inteiramente diferente do ritmo da natureza. Por exemplo, os agitados sobes e descas da economia de mercado atual são reflexos da pressão das maiores corporações financeiras e da sua agressiva tentativa de estabelecer poder econômico global.

De acordo com Hardt e Negri, o estabelecimento do poder econômico global significa a emergência de um império global: “um descentralizado e desterritorializado aparato de regra que progressivamente incorpora todo o domínio global com suas fronteiras abertas e expansivas” (Hardt e Negri, 2000). O ‘ritmo’ das dinâmicas sociais no império torna-se nada além de um “puro exercício de comando, sem qualquer referência proporcional ou adequada ao mundo da vida”.

Enquanto o mundo da vida deve refletir o ritmo da natureza e do Universo para existir e se reproduzir, a ordem global no império reconhece somente um tipo de ritmo: o ritmo das transações financeiras direcionadas ao aumento da riqueza dos gigantes econômicos.

A distribuição de poder na sociedade tornou-se tão drasticamente desigual e a lacuna entre a minoria corporativa poderosa e a maioria das pessoas que vivem em condições econômicas difíceis

de tolerar tornou-se tão grande que os humanos pertencentes a esses dois polos da sociedade começaram a parecer duas espécies diferentes.

O alto poder diferenciado na sociedade impede a capacidade auto-organizadora da sociedade humana. Essa capacidade somente pode se manifestar se as interações sociais acontecerem entre indivíduos, cada um com um espaço igualmente aberto de oportunidades para autorrealização. No império global, isso é impossível.

O ritmo da auto-organização social somente pode ser sustentado em sociedades nas quais o poder diferenciado tende a zero.

Essa proposição relaciona-se com as dimensões sociais da Ecologia da Saúde e é análoga à proposição sobre o ritmo da natureza; o ritmo de qualquer processo de auto-organização da teia, que tudo engloba, de agentes interrelacionados e que interagem dinamicamente na natureza e na sociedade, requer tanto o reconhecimento quanto a realização da sua equidade. Quando a espécie humana tenta dominar a natureza à força, e os mais ricos tentam dominar a sociedade à força, o ritmo da auto-organização natural e social se torna distorcido. Então, desastres ecológicos e sociais emergem, com efeitos negativos na saúde humana, na saúde da sociedade, e na saúde de todo o Planeta.

5 Cultura como o Fator Chave na Ecologia da Saúde

Cultura, em geral, se refere a padrões de comportamento peculiar a humanos, não a bactérias, mas, no seu sentido mais profundo, ela ainda pode se referir a ambos. A cultura é o conjunto de atitudes e comportamentos expressados no funcionamento normal de uma sociedade, seja ela humana ou outra. Esses padrões criam o conjunto harmonioso de formas auto-organizadas que nós admiramos na natureza, onde as plantas e animais seguem seus instintos naturais para criar um sistema intrincado e funcional da natureza.

A cultura que nós humanos desenvolvemos parece ser uma segunda natureza oposta à própria natureza, responsável pela contínua piora das condições ecológicas no Planeta, hoje. Nossas invenções científicas e tecnológicas criam sérios problemas ecológicos que impedem o processo de auto-organização na natureza. E, na medida em que somos produtos desse processo e vitalmente dependemos dele para a nossa sobrevivência como espécie, os obstáculos que têm raízes na nossa cultura, ao mesmo tempo, obstruem o desdobramento das nossas vidas e do nosso potencial.

5.1 Vontade de Poder

Como todos os outros animais, nós usamos recursos da natureza para sustentar nossa existência física, mas esses recursos são incomparavelmente menores do que os recursos utilizados para se estabelecer o poder sobre a natureza e na sociedade. Uma mente humana egocentrada é obcecada pela ideia de exercitar o poder em todo lugar. As maiores realizações do intelecto humano foram e continuam sendo direcionadas para a acumulação e realização de poder militar, econômico e político na sociedade: criando avançadas ferramentas para matar uns aos outros, para explorar uns aos outros, para fazer aqueles com menos poder seguirem a vontade dos mais fortes, e caso eles resistam, ensinar-lhes uma lição, buscarem se vingar e, eventualmente, extingui-los.

Como pode a saúde, como uma expressão de harmonia e integridade da natureza, ser sustentada dentro de uma cultura que tem vontades de poder? No mundo capitalista desenvolvido, a vontade de poder é frequentemente mascarada por palestras políticas carismáticas sobre democracia, liberdade e direitos iguais para todos. Ao mesmo tempo, uma vasta máquina de propaganda mantém a direção para o consumo na sociedade no seu grau mais alto possível e, assim, reforça o estabelecimento de uma ordem global difícil de alguém se opor a ela.

5.2 Atratores Culturais Fatais

Além da obsessão pelo poder e suas consequências destrutivas sociais e ecológicas, a Ecologia da Saúde indica outros sérios obstáculos na nossa cultura que impedem a completude do potencial

humano. Os obstáculos mais difíceis de remover relacionam-se ao vício, a todos os tipos de hábitos não saudáveis, preconceitos e dogmas, assim como a atividades centradas principalmente no egoísmo individual (como avareza, ganância, busca do luxo, prepotência, gula, inveja, ciúmes, luxúria, ódio, fazer mal aos outros e vingança). Enquanto mostram tendência de autopropulsão e crescimento em magnitude, esses obstáculos absorvem enormes quantidades da nossa energia física, mental e emocional. Dia após dia nossa capacidade auto-organizadora é desperdiçada em atratores ‘culturais’, que têm muito pouco a ver com o crescimento da nossa inteligência, com a vontade de entender os segredos da nossa natureza interior, de expandir nossa consciência e de abrir nosso potencial espiritual.

Abrir seu potencial espiritual significa remover os obstáculos no seu caminho. Se você remover o ódio, o amor começa a fluir. Você não deve criar amor, ninguém pode criar amor. Se você fosse criar amor, então, seria impossível. O amor já está em você; você apenas remove o ódio com o poder do seu coração e verá o amor florescer. Remova a falta de consciência com a sua consciência, e você verá sua capacidade de executar um processo de conhecimento surgir em você. Remova o negativo com o poder da sua atenção e o positivo começa a desdobrar-se. É quase como se uma rocha estivesse bloqueando um pequenino fluxo de água pura; você remove a rocha e o fluxo começa a mover-se. Quando a rocha está bloqueando o seu caminho, pode nunca ser possível para o fluxo vir. Nós estamos carregando muitas rochas na nossa cultura – chame-as de bloqueios na sua energia – e esses bloqueios têm que ser dissolvidos e removidos, se você quiser que o pequenino fluxo da sua busca espiritual venha. Então nutra e cuide dele com todo o seu amor e todo o seu conhecimento até que ele se torne um poderoso rio correndo para unir-se ao oceano...

Assim, diz o mestre espiritual àqueles discípulos que estão sedentos para executarem processos de conhecimento.

5.3 Mensagem dos Tempos Antigos

A sabedoria antiga provê dicas poderosas para se lidar com enigmas e paradoxos da existência humana. “Houve um tempo quando, numa pequena faixa da superfície de terra do mundo, o homem alcançou uma harmonia quase total com o seu ambiente e criou uma sociedade tão próxima da perfeição quanto ele foi capaz de sonhar...” (Rice, 1991). Os maiores filósofos da Grécia antiga como Pitágoras, Platão, Hipócrates, Tales de Mileto, Galeno, e Homero visitaram o Egito em busca de Sabedoria.

A vida e o trabalho de Pitágoras, talvez o mais famoso de todos os filósofos da antiguidade, que passou mais de 20 anos nos santuários do Egito, proporciona uma dica importante se quisermos buscar inspiração na Sabedoria Egípcia. Pitágoras estabeleceu uma doutrina de unicidade, que englobou o físico e o espiritual. Ele nos mostra uma filosofia complexa – uma perspectiva essencialmente egípcia.

A variedade, a complexidade e a multiplicidade que nós vemos nunca implicou separação; a unicidade sempre esteve presente. A vida nos céus e a vida na Terra eram consideradas uma só, uma indivisível unidade. Os seres humanos se consideravam indistinguíveis do seu ambiente, produtos das mesmas forças da natureza responsáveis pela criação dos céus e da Terra. Aprender e executar processos de conhecimento era observar essas forças atuarem. Nos grandes templos egípcios todas as áreas da aprendizagem eram hospedadas sob o mesmo teto, percebidas como aspectos de uma única sabedoria. Todas as diversas áreas eram encapsuladas dentro dessa sabedoria sagrada. Era nela que as pessoas procuravam por visões para lidar com enigmas e paradoxos das suas vidas. A preocupação essencial do pensamento egípcio era conhecer a origem e importância da existência.

No nosso mundo fragmentado, o conhecimento tornou-se também fragmentado. Nossa sociedade tornou-se isolada da natureza. Quando abordamos sustentabilidade, por exemplo, falamos sobre ambiente como algo separado de nós, algo ‘lá’ com o qual precisamos estabelecer um relacionamento amigável. Dizemos que os carros poluem o ar fora de nós, esquecendo que é o

mesmo ar dentro de nós sem o qual simplesmente não poderíamos sobreviver. Falamos sobre águas em algum lugar ao nosso redor, totalmente negligenciando o fato que a água é um ingrediente essencial para as nossas células.

Tão longe de nós está a ideia de unicidade, uma ideia central de toda a sabedoria antiga, que mesmo uma simples e transparente verdade, que as mesmas forças que funcionam no Universo funcionam em nós, parece estranha para nós. Podemos usar essa verdade para ganhar dinheiro? Não? Então, esqueça! Pense em algo mais sério, por exemplo, pense sobre sustentabilidade: como continuar estudando o ambiente e, ao mesmo tempo, viver com saúde e feliz? Ou como continuar o processo atual predatório levado por nós à natureza e à sociedade e, ao mesmo tempo, pregar sobre mecanismos governamentais e voltados para o cidadão, projetados para assegurar uma maior responsabilidade dos negócios e da indústria? Antes de organizar mecanismos voltados para o cidadão, nós devemos ter esses cidadãos. Alguém nos ensina como ser um cidadão? Sem entender o conceito de unicidade e sem viver segundo ele, nós não podemos ser cidadãos. Nós temos governos que são honestos responsáveis pelo interesse público relacionados aos problemas ambientais contemporâneos? Uma das patologias da nossa realidade social fragmentada é que nos seus esforços para segurarem-se ao poder, os políticos e os partidos políticos confiam em apoio financeiro crucial das corporações de saúde que não são amigáveis ao ambiente quando ganham dinheiro.

Podemos falar muito sobre princípios de precaução, abordagens preventivas, responsabilidades ampliadas do produtor, produção limpa, responsabilidade corporativa, audiências públicas nacionais, participação comunitária e muitos outros assuntos relacionados a sustentabilidade, mas o efeito de tudo isso será insignificante, a menos que sejamos capazes de entender a ideia de unicidade e trabalhar com ela na nossa vida diária. A sociedade precisa de educação nesse sentido, nas escolas e universidades, em comunidades locais, e nas corporações globais. A mensagem simples da sabedoria antiga é a mensagem de que a unicidade pode nos salvar da autodestruição. Ou, pelo menos, não a tornar tão dolorosa.

Uma das buscas da Ecologia da Saúde é espalhar a mensagem da unicidade; não existe saúde fora do IES, no qual os humanos e a natureza estão conectados para sempre.

6 Em Busca do Princípio Universal da Harmonia na Natureza e na Sociedade

Numa busca pela justiça parece claro que a existência de níveis e desigualdade não é saudável, ainda assim, não é o caso de que a igualdade seja possível ou mesmo desejável. Algo mais é necessário que não é tão preciso e definido quanto a igualdade, mas, apesar de tudo, combina com o intenso desejo humano por harmonia; um conceito chave aqui é *harmonia* (Dimitrov, 1989). Esse era um conceito chave para os gregos, uma conjunção de três padrões de significado. Seu significado raiz era *aro*, junto, então “harmonia” era aquilo que junta. Outro significado era proporção, a harmonia das coisas que permitia um encaixe fácil. A qualidade de junção e de proporção então veio a ser visto na música e outras artes.

A pré-condição para a harmonia para os gregos era expressa na frase “nada demais”. Isso também tinha uma misteriosa qualidade positiva, que se tornou objeto de pesquisa das suas melhores mentes. Pensadores tais como Pitágoras procuravam capturar o mistério da harmonia como algo tanto indizível quanto também explicado pela matemática. A matemática da harmonia estudada pelos antigos gregos ainda é um modelo inspirador para cientistas contemporâneos. Crucial para isso é a descoberta da sua expressão quantitativa numa deslumbrante diversidade e complexidade da natureza por meio da Média Áurea (Razão Áurea, Proporção Áurea), (**Phi**, ϕ): $\phi = (1 + \sqrt{5}) / 2$, que é aproximadamente igual a **1,618033**. Isso é descrito por Euclídes no livro cinco do seu *Elementos*: “Um segmento de reta é dito dividido em Média e Extrema Razão quando o todo está para a maior parte, assim como a maior parte está para a menor parte”. Qualquer quantidade Q pode ser dividida na Razão Áurea, se sua parte maior Qg for escolhida de tal forma que ela se relacione com a parte menor Qs exatamente na mesma proporção que toda a quantidade Q se relaciona com a parte maior Qg , isto é, $Qg/Qs = Q/Qg = \phi$.

Como os últimos cientistas têm descoberto, permeia tanto formas animadas quanto inanimadas na natureza, de espirais galácticas até espirais de cromossomos. Leonardo da Vinci caracterizou como uma “proporção divina” e usou seu apelo estético nas suas obras primas. Enquanto formas naturais estão sempre em mudança, são preservadas na sua topologia. Por exemplo, o desdobramento da espiral galáctica preserva sua geometria; o crescimento do corpo humano preserva a Razão Áurea no posicionamento dos órgãos; as dinâmicas dos arranjos de folhas, sementes e pétalas também a seguem.

6.1 Harmonia e Energia

A Média Áurea como uma imagem de harmonia pode ser aplicada como uma razão, que é, por si, matematicamente precisa, apesar de poder não ser claro que quantidades precisas estão envolvidas ou como essas quantidades poderiam ser determinadas na prática. Dessa maneira, isso vai expressar, de forma precisa e clara, uma ideia de harmonia que é, em outros aspectos, indeterminada, para produzir visões que sejam claras e capazes, e que possam ser traduzidas na prática. Iremos ilustrar isso com o tema da energia.

Nosso Planeta é como um grande coletor, produtor e reservatório de energia. Parcialmente, essa energia vem de fora do Planeta, do Sol e de outras fontes cósmicas, e, parcialmente, de fontes de energia acumuladas nas profundezas da Terra e na sua superfície. A chamada ‘crise de energia’ está ligada com muitas outras crises que atingem o Planeta, aparentemente apresentando obstáculos insuperáveis no caminho para a saúde, para indivíduos, nações e para o Planeta. É outra situação na qual podemos olhar para a sabedoria como uma imagem de harmonia.

Digamos que E denote toda a quantidade de energia disponível no nosso Planeta em um momento qualquer t . O Planeta precisa dessa energia não apenas para dar suporte ao fluxo (coevolução) de todas as formas de vida da sua biosfera, mas para dar suporte também a um enormemente complexo ‘metabolismo’ físico-químico. Por causa desse gigante metabolismo, James Lovelock referiu-se à Terra como uma entidade viva chamada Gaia, o antigo nome grego para a deusa da Terra (Lovelock, 1995).

Parte de E é usada pela natureza animada e inanimada para manter os processos de emergência, de sustentação, de evolução e de destruição das formas de vida na Terra. Denotemos essa energia por $E(n)$, onde n significa natureza.

Sendo uma parte inseparável da natureza, nós, a espécie humana, também usamos essa energia, que é essencial para a nossa sobrevivência. É essa energia que dá suporte aos atratores dinâmicos e vórtices da saúde apresentados antes. Muito mais intensamente, contudo, nós usamos energia para propósitos que não têm nada a ver com a saúde. Pelo contrário, alguns desses propósitos são diretamente opostos à sustentação da vida. Por exemplo, uma incrivelmente enorme quantidade de energia vai para dar suporte a complexos militares-industriais no Planeta. Isso inclui a produção, altamente consumidora de energia, de mais e mais armas sofisticadas, foguetes, aviões, e bombas, mais e mais sofisticadas tecnologias militares para demonstrar poder e exercer controle. Enormes quantidades de suporte de energia para atividades de espionagem por satélite e experimentos cósmicos dos países industrialmente desenvolvidos. Fornecimentos, sempre crescentes, de energia vão produzir químicos ecologicamente desastrosos, para dar suporte a enormes áreas com ar-condicionado, e para satisfazer, continuamente, crescentes desejos pelo luxo e pelo conforto, para acumular riqueza e fama.

Digamos que $E(h)$ denote o fluxo de energia usado pelos humanos para propósitos como os indicados antes, onde h significa humano, apesar de que seria mais apropriado usar ah (significando ‘anti-humano’) para esse tipo de gasto monstruoso de energia.

Como a existência humana depende intensamente do fluxo de energia que dá suporte à vida no Planeta, $E(n)$ deve ser maior do que $E(h)$ caso contrário a sobrevivência biológica e a sustentação da saúde das espécies, incluindo as pessoas, não seria possível. Nós assumimos que os fluxos de energia responsáveis pelas dinâmicas na Terra como uma entidade viva inseparável no sistema

solar, naturalmente tende a se auto-organizar de tal forma que preserve a Média Áurea nas suas relações com cada um dos outros, que implica $E/E(n) = E(n)/E(h) = \phi$.

Consequentemente, $E(n)$ é igual a E dividido por ϕ e $E(h)$ é igual a E dividido por ϕ ao quadrado. Com **1,62** como um valor aproximado para ϕ , as seguintes expressões são válidas: $E(n) = 0,62E$ e $E(h) = 0,38E$.

O princípio da harmonia na coevolução com a natureza requer que, para a existência humana ser harmoniosa com a natureza, a energia $E(h)$ usada pela sociedade humana seja menos do que 40% da quantidade total de energia E disponível para dar suporte ao gigantesco ‘metabolismo’ do nosso Planeta como uma entidade inseparável no sistema solar.

Necessita-se da maior parte de E , isto é, mais de **60%**, para dar suporte à vida na Terra.

A coevolução natural das espécies, incluindo os humanos, está sob ameaça de destruição toda vez que a energia disponível para a natureza $E(n)$ cai abaixo do valor crítico de **60%** de E , ou equivalentemente, quando a energia usada pela sociedade humana se torna maior do que **40%** de E .

6.2 Ações Humanas Contra a Harmonia

Harmonia é um conceito *fuzzy* (impreciso) e tem dimensões matemáticas e não matemáticas. Existe evidência suficiente na vida, hoje, de que a harmonia da coexistência das pessoas com a natureza tem sido destruída. Extinções em massa de espécies, expansão dos buracos na camada de ozônio, que aumentam rapidamente a poluição do ar e água no Planeta, frequente ocorrência de desastres naturais de larga escala e emergência de novas doenças graves causadas por problemas ambientais são apenas poucas manifestações de uma desarmonia sempre crescente na coexistência humano–natureza.

Na busca de avanços tecnológicos nossa sociedade não tem cuidado com o suprimento de energia de outras formas de vida que não sejam humanas. Se $E(h)$ é maior ou menor do que **40%** de E , quem se importa? Todos sabem que não existem formas ‘objetivas’ para se medir a energia E , e, portanto, nenhum método científico pode ser usado para ligar o alarme quando $E(h)$ alcança um valor crítico. Além disso, muitas pessoas continuam a pensar que o nosso Planeta tem um suprimento ilimitado de energia, que o uso da energia solar e da energia contida nos núcleos dos átomos proporcionará às pessoas um fluxo interminável de energia. Infelizmente, a energia capaz de dar suporte ao metabolismo natural do nosso Planeta é limitada.

O direcionamento humano para desenvolvimento tecnológico não pode ser parado, então $E(h)$ aumentará permanentemente e, assim, a humanidade irá mover-se para cada vez mais longo do que o princípio da harmonia requer. Se esse é o caso, por que nos preocupamos em falar sobre coexistência harmoniosa, proporções divinas e Ecologia da Saúde? Não é melhor aprender como se adaptar à cada vez mais profunda desarmonia da vida humana?

Infelizmente, as formas vivas não podem se adaptar a catástrofes e desastres ecológicos. Se desastres acontecerem, as espécies morrem. E, nos nossos dias, desastres ecológicos claramente demonstram uma tendência para aumentar em número e magnitude.

Nós sabemos que estamos inseparavelmente conectados com a natureza. Nós somos seus produtos. Nós sabemos que quando destruímos a natureza, nós nos destruímos – nossa saúde e sobrevivência – no mesmo momento. Quando poluímos seu ar e água, suas plantas e animais, nós poluímos o ar, água e a comida que sustenta a integridade das nossas vidas física, emocional e mental. A natureza não está lá, enquanto nós estamos aqui. Ela está em nós, assim como nós estamos nela.

Preservar a natureza significa preservar todas as suas formas de vida incluindo nossa forma humana. E *vice-versa*, preservar nossa forma humana significa preservar a natureza. Essa é a forma de fluir junto com a natureza, de acordo com o princípio da harmonia. Esse é o caminho da vida, o caminho da harmonia, o caminho da saúde. Todos os outros caminhos respiram doença e morte. Não podemos dividir entre nós e a natureza o ar, a água, a luz do sol, e assim por diante, na

‘Proporção Divina’. Mas podemos compartilhar esses preciosos presentes naturais uns com os outros e com as outras espécies. Todos somos Natureza. O que importa são os atos de compartilhamento, compartilhar com outras pessoas não apenas bens materiais, execução de processo de conhecimento, habilidade, experiência, mas, também, humanidade: boa vontade, carinho, respeito e amor.

A sabedoria dos antigos Vedas nos lembra que tudo que tentamos segurar, seja o ar ou comida, posses ou execução de processo de conhecimento, torna-se veneno não apenas para a nossa saúde física, mas também para a saúde da nossa mente e da alma, para a saúde da natureza.

Todo ato de compartilhamento com os outros é um reconhecimento da nossa interdependência e inseparabilidade, uns dos outros e da natureza. Cada ato de compartilhamento tem uma forte conotação espiritual. Quanto mais compartilhamos, mais unidos nos sentimos uns com os outros e com a essência espiritual do Universo. Quando os atos de compartilhamento estão de acordo com o princípio da harmonia, eles têm um imenso poder transformador. Eles nos mudam do egocentrado para o ecocentrado, da doença para a saúde, de destruidores para cocriadores de todo o Universo ecológico que evolui.

E ajudar para a realização dessa transformação é a missão principal da Ecologia da Saúde.

Agradecimentos: O autor agradece a ajuda do Prof. Bob Hodge na preparação deste texto, e, particularmente, no trabalho da segunda seção.

7 Referências

1. Dimitrov, V. (1989) Principle of Harmony in Econometric Modelling, *Economic Thought*, 12, pp. 93-105 (in Bulgarian).
2. Dimitrov, V. (2001) Swarm-like Dynamics in Organisation and Management, *Complex Systems*, 12, 4, 2001, pp. 413-420.
3. Dimitrov, V. (2002) Learning Ecology for Human and Machine Intelligence, in *Fuzzy Logic: A Framework for the New Millennium*, (Eds. V. Dimitrov and V. Korotkich), Heidelberg, New York: Physica Verlag.
4. Dimitrov, V. (2002a) Introduction to Fuzziology, in *Fuzzy Logic: A Framework for the New Millennium*, (Eds. V. Dimitrov and V. Korotkich), Heidelberg, New York: Physica Verlag.
5. Dimitrov, V. and Korotkich, V. (Eds.) (2002) *Fuzzy Logic: A Paradigm for the New Millennium*, Heidelberg, New York: Physica Verlag.
6. Dimitrov, V. and Hodge, B. (2002) *Social Fuzziology*, Heidelberg, New York: Physica Verlag.
7. Hardt, M. and Negri, A. (2000) *Empire*, Cambridge, Mass.: Harvard University Press (p.vii and p. 391).
8. Kauffman, S. (1993) *Origins of Order: self-organization and selection in evolution*. NY: Oxford Univ. Press).
9. Lovelock, J. (1995) *The Ages of Gaia: A Biography of Our Living Earth*, W. W. Norton & Company.
10. Mandelbrot, B. (1982) *The Fractal Geometry of Nature*, San Francisco: Freeman Co.
11. Marx, K. (1981) *Capital*, vol. 3, Penguin (p 357).
12. Næss, A. and Rothenberg, D. (1990) *Ecology, Community and Lifestyle: Outline of an Ecosophy*, Cambridge Univ. Press.
13. Rice, M. (1991) *The Origins of Ancient Egypt*, Routledge.
14. Solé, R. e Goodwin, B. (2000) *Signs of Life*, Basic Books (p.113).